

LINGUAGEM E CULTURA: COMO A LINGUAGEM É MOLDADA PELA CULTURA E VICE-VERSA

Priscila Andreoni Ribeiro¹

Madalena Amorim Piñeiro²

RESUMO: Este artigo investiga como a linguagem é moldada pela cultura e vice-versa, a partir de estudos empíricos e casos sociolinguísticos contemporâneos. A pesquisa abrange temas como o viés de gênero e etnia na linguagem, a censura cultural no Brasil e EUA, a influência de adolescentes e redes sociais na mudança linguística, e o fenômeno recente da “Síndrome Skibidi Toilet”. A metodologia é de revisão bibliográfica de artigos acadêmicos e de jornais relevantes, e enquetes populares. A conclusão é que a transformação linguística decorre de mudanças nos comportamentos e costumes dos falantes, porém nos casos de banimento ou censura política a palavras, a cultura local e internacional é afetada.

Palavras-chave: Linguagem e cultura. Censura linguística. Mudança lexical. Sociolinguística. Redes sociais. Viés de gênero.

ABSTRACT: This article examines how language is shaped by culture and vice versa, using empirical studies and modern sociolinguistic examples. The study delves into gender and ethnic bias in language, cultural censorship in Brazil and the United States, the impact of adolescents and social networks on linguistic change, and the latest "Skibidi Toilet Syndrome" issue. The methodology includes a bibliographic review of pertinent academic and press publications, as well as popular surveys. The conclusion is that language alteration is caused by changes in speaker behaviour and conventions, but that word bans or political censorship have an impact on both local and worldwide culture.

892

Keywords: Language and culture. Linguistic censorship. Lexical change. Sociolinguistics. Social media. Gender bias.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem é um reflexo da cultura, mas também uma força ativa em sua transformação. Este artigo examina como palavras e expressões são moldadas por contextos sociais, ideológicos e tecnológicos, além de como práticas de censura, mudanças pragmáticas e influências midiáticas impactam os significados linguísticos ao longo do tempo. Com base em estudos de larga escala, análises de casos culturais e investigações sociolinguísticas, busca-se compreender os vetores de mudança e os atores sociais envolvidos.

¹Cursando graduação em Tradução e Interpretação Inglês/Português na Faculdade Phorte.

²Cursando graduação em Tradução e Interpretação Inglês/Português na Faculdade Phorte.

O objetivo principal é demonstrar como a cultura, especialmente por meio de processos como censura e popularização digital, redefine não apenas o vocabulário, mas também as normas de uso linguístico. Além disso, investiga-se como as mudanças nas representações sociais (de gênero, etnia e identidade) afetam a linguagem escrita e falada.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Garg, Schiebinger, Jurafsky e Zou (2018) conduziram um estudo sobre como o preconceito é codificado na linguagem escrita ao longo do tempo, especificamente, ao longo dos últimos cem anos, entre 1900 e 2000, nos EUA. A metodologia foi baseada em *word embeddings*, uma técnica de processamento de linguagem natural (PLN), treinando modelos de *embedding* para cada década, analisando uma quantidade enorme de informações de notícias, literatura e livros, permitindo comparações temporais.

Um diferencial do estudo foi a correlação entre as medidas linguísticas e dados reais de ocupação de minorias e mulheres nos Estados Unidos, extraídos do censo americano. Os autores encontraram que à medida que a diversidade aumentava em determinados setores profissionais, os vieses linguísticos negativos diminuía.

Os resultados indicam que os estereótipos não somente mudam com o tempo, mas também respondem a eventos históricos e à reconfiguração de papéis sociais. Por exemplo, alguns adjetivos mais utilizados sobre a mulher em 1910 eram: *mellow*, *sentimental*, *passionate*, *dreamy*; e em 1990, os adjetivos mudaram para: *physical*, *morbid*, *artificial*, *maternal* and others. Assim, a linguagem escrita refletia transformações sociais concretas, como o avanço do movimento feminista e o impacto das ondas migratórias asiáticas.

Embora as palavras usadas sobre mulheres e asiáticos ainda mostram alto grau de preconceito, conforme mostra este estudo, o preconceito tem diminuído ao longo do tempo devido a movimentos sociais como feminismo e imigração. É importante ressaltar a linguagem como uma construção social dinâmica e sensível a variações históricas e políticas.

Rio-Torto (2022) examina as mudanças linguísticas no português brasileiro (PB) e europeu (PE) com foco nas dinâmicas morfosintáticas e lexicais. O estudo parte da hipótese de que o PB passou por um processo de re-latinização, promovido por tendências nacionalistas, e de funcionalização, promovido por práticas cotidianas voltadas à simplificação da linguagem. A metodologia utilizada consistiu em análise comparativa de corpora linguísticos e observação.

A análise demonstra que a forma tradicional com preposição (“as coisas de que eu gosto”) foi sendo substituída por construções mais simples (“as coisas que eu gosto”), sobretudo no português falado no Brasil. Tal movimento é interpretado como resultado do “Princípio da Motivação Máxima”, segundo o qual elementos considerados redundantes tendem a ser eliminados ao longo da evolução linguística, especialmente em contextos orais.

Outro aspecto abordado foi o uso de verbos como “botar”, “pôr” e “colocar”. A pesquisa de frequência demonstrou que, embora semanticamente similares, essas formas carregam traços sociais e regionais distintos. Em Portugal, “botar” é considerado um termo de baixo prestígio, enquanto no Brasil o verbo é amplamente aceito, inclusive em registros formais. O levantamento foi feito por meio de análise automatizada em bases de dados como o Corpus do português e plataformas de consulta lexical.

O estudo também evidenciou a substituição de formas populares (“-nça”, “entre-”) por variantes mais eruditas de origem latina (“-ncia”, “inter-”) em ambos PB e PE, fenômeno classificado como re-latinização. A análise etimológica e estatística comprovou a predominância dessas formas eruditas em textos acadêmicos e jurídicos, influenciando, o ensino do idioma.

A autora conclui que tais transformações refletem tanto pressões institucionais (como políticas linguísticas e padrões editoriais) quanto movimentos pragmáticos impulsionados por falantes nativos em busca de maior economia comunicativa. O estudo reforça a ideia de que o português falado no Brasil está se afastando da matriz lusitana por razões históricas, culturais e funcionais, consolidando-se como uma variante autônoma e dinâmica.

Malta, Flexor e Costa (2020) examinam os desdobramentos do episódio de 2019 em que livros com conteúdo LGBTQIA+ foram alvo de censura na Bienal do Livro do Rio. A metodologia utilizada foi de análise qualitativa, com base em comentários públicos nas redes sociais, pronunciamentos de autoridades e reportagens veiculadas na imprensa nacional.

Foi analisado mais de 1.000 comentários em redes como Twitter e Facebook, utilizando ferramentas de análise de sentimento para mapear o perfil das reações. Também foram coletados trechos de discursos oficiais, como os proferidos pelo prefeito do Rio na época, e confrontados com os dispositivos legais da Constituição Federal brasileira que garantem liberdade de expressão e acesso à cultura.

A pesquisa identificou dois eixos principais de argumentação entre os leitores brasileiros: de um lado, aqueles que viam na censura uma forma de proteção moral e familiar,

especialmente entre os que se pautam por valores cristãos conservadores; de outro, grupos que defendiam a liberdade de expressão e condenavam a tentativa de silenciamento de minorias.

A conclusão do estudo aponta para um conflito estrutural entre diferentes projetos de sociedade no Brasil contemporâneo. A censura na Bienal revelou uma tensão não resolvida entre os valores tradicionais e o avanço dos direitos civis. Além disso, a pesquisa demonstra como eventos culturais se tornam palcos de disputas ideológicas, muitas vezes mobilizadas eleitoralmente.

Moreira (2024) analisa o caso da Marcha pela Ciência ocorrida em 2020 em Minas Gerais, onde o vídeo oficial do evento foi alvo de edição após um ataque cibernético. O estudo foi realizado com base em uma abordagem foucaultiana e semiótica, que interpreta a edição de conteúdos como prática discursiva de controle e silenciamento simbólico.

A metodologia empregada envolveu análise textual comparativa de diferentes versões do vídeo da marcha — a original e a editada — somada a entrevistas com organizadores e participantes do evento. Além disso, os autores mapearam os comentários dos espectadores nas redes sociais, observando como a percepção do vídeo mudava em função da edição sofrida. A teoria do discurso foi usada como base para identificar os mecanismos sutis de exclusão de enunciados políticos ou críticos à gestão pública da ciência no Brasil.

895

O estudo revela que o ato de editar vai além da manipulação técnica de um conteúdo: trata-se de um gesto político e ideológico, capaz de reconfigurar sentidos e neutralizar críticas. Essa prática tem raízes na censura institucional do período da ditadura militar brasileira, com a diferença de que, atualmente, ela pode ocorrer de forma descentralizada, por agentes externos ou anônimos.

A pesquisa ainda destaca que a censura simbólica ganha novas camadas de complexidade no contexto digital, em que a distribuição massiva de conteúdos ocorre em tempo real. Com isso, o gesto de censurar é muitas vezes detectado somente por usuários atentos às diferenças entre versões ou por análises forenses de material audiovisual.

Quem protagoniza mudanças na língua?

Tagliamonte (2024) detalha os resultados de suas pesquisas que indicam que jovens mulheres, especialmente adolescentes, estão na vanguarda da mudança linguística contemporânea. A pesquisa se apoia na tradição da sociolinguística variacionista, utilizando

coleta de dados orais, registros em redes sociais e análise de padrões lexicais emergentes em inglês falado e escrito informal.

O método envolveu a gravação de entrevistas semiestruturadas com adolescentes, análise de comentários e postagens em plataformas como TikTok e Twitter, e a comparação entre diferentes gerações quanto ao uso de determinadas expressões, gírias e construções gramaticais. Expressões como “literally”, “like”, “I was like”, e neologismos emergentes são monitoradas em seu processo de disseminação.

O estudo reforça conclusões já esboçadas por William Labov nas décadas de 1960 e 1970, segundo as quais as mulheres, especialmente as jovens, lideram 90% das mudanças linguísticas documentadas no inglês. As mudanças linguísticas iniciadas por jovens mulheres frequentemente enfrentam resistência institucional e são inicialmente deslegitimadas. Porém, anos depois, são incorporadas como norma aceita. Acrescenta que as gírias surgem também de grupos marginalizados, como comunidade trans e pessoas pretas.

Para Tagliamonte, esse fenômeno se intensificou com o advento das redes sociais, que amplificaram o alcance e a velocidade da disseminação de expressões e estruturas inovadoras. Sua pesquisa revela um ciclo sociocultural em que inovações linguísticas perpassam questões de poder, identidade e visibilidade de grupos sociais marginalizados.

896

Nesta mesma linha, iniciado em 2023, o fenômeno conhecido como “Skibidi Toilet” viralizou entre crianças e pré-adolescentes a partir de vídeos de humor absurdo, publicados no YouTube e TikTok. Esses vídeos apresentam personagens com cabeças humanas saindo de privadas, acompanhados de trilha sonora repetitiva e linguagem inventada. Algumas crianças passaram a agir como os personagens dos vídeos ou manifestaram medo de usar banheiros escolares, configurando o chamado “Skibidi Toilet Syndrome”.

Em resposta a esse fenômeno, escolas primárias da Flórida decidiram banir o uso de expressões como “Skibidi”, “Rizz”, “Gyatt”, “Ohio”, “Sigma” e “Fanum tax”, segundo a cobertura jornalística de OyeYeah (2025). A disseminação dessas gírias está relacionada ao chamado “brain rot content”, isto é, conteúdos de baixo valor cognitivo que causam obsessão ou distração. Além de preocupações pedagógicas, o banimento visava conter o uso de vocabulário considerado inadequado ou perturbador.

A reportagem reforça que, mesmo em idades precoces, a cultura digital pode moldar significativamente o vocabulário, as práticas sociais e os rituais simbólicos de crianças. A

censura, nesse caso, representa uma tentativa institucional de controle da linguagem, que nem sempre considera a complexidade cultural das novas gerações.

3. ENQUETE POPULAR

Uma das vertentes mais relevantes sobre o impacto cultural de políticas linguísticas ocorreu durante o governo Donald Trump nos Estados Unidos. Foi elaborado um pequeno levantamento informal, mediante um formulário, que buscou coletar impressões de membros da comunidade internacional e nacional sobre a proibição ou desuso de certas palavras durante este período. Este formulário foi postado no fórum do Reddit/SampleSize, para comunidade internacional; e pelo WhatsApp, para a comunidade nacional, Brasil. As perguntas foram: Você sabe que algumas palavras foram banidas dos sites governamentais dos EUA? Quais palavras foram removidas? Você acha que a cultura americana será afetada? Você acha que a cultura de seu país (ou a brasileira) será afetada? Quer falar sua opinião sobre o assunto?

Os resultados de ambas enquetes, internacional e nacional, foram muito similares. Ao redor de 60% dos participantes não sabiam que palavras haviam sido banidas. As palavras que mais foram detectadas como as banidas foram: LGBT, sense of belonging, trauma, women, privilege and systematic. Sobre se a cultura dos EUA será afetada, a pesquisa internacional resultou em 60% responderam que “Não”, e a nacional (brasileiros), 77% acredita que “Sim.” Se a cultura do seu respectivo país será afetada: internacional, 60% respondeu “Não”; nacional, 65% acredita que “sim”, a cultura brasileira será afetada. Sobre as respostas qualitativas da pesquisa com público brasileiro, seguem excertos: “O governo americano está testando até onde pode ir, desafiando até a constituição e decisões judiciais. Infelizmente tudo já estava previsto no projeto 2025, só estão fazendo o que prometeram.”

A restrição de certas palavras em sites oficiais pode comprometer a clareza e a eficácia de políticas públicas e pesquisas científicas. Por exemplo, a ausência de termos como "trauma" ou "sistêmico" pode dificultar a abordagem de questões complexas em saúde pública e ciências sociais. Além disso, a exclusão de palavras relacionadas a identidade de gênero e orientação sexual pode ser a causa de invisibilidade de comunidades inteiras na sociedade, não apenas nos EUA, mas dada a influência da cultura estadunidense no ocidente, o efeito pode se espalhar por diversos países que sofrem influencia.dos EUA.

A complexidade de uma sociedade está exposta perante um líder negligente e que só age em prol do benefício próprio. Posto isso, culturalmente falando, ele coloca em risco a paz entre os indivíduos, fomentando o ódio e o caos de forma generalizada. Tanto quanto internamente quanto internacionalmente com a guerra comercial que vem sendo travada. Acredito que o intuito dessas ações seria ocasionar uma guerra ou até uma 3º grande guerra, com o intuito de girar a economia dos EUA novamente e estabelecer seu imperialismo como antigamente.

A enquête evidencia que o impacto das políticas de linguagem ultrapassa fronteiras nacionais, gerando debates entre usuários de culturas distintas. O pesquisa demonstra como a linguagem é percebida no Brasil como uma arena de disputa ideológica importada dos EUA, revelando também que debates culturais norte-americanos possuem forte repercussão local. A linguagem, nesse caso, é vista como extensão simbólica do poder e da identidade política. A conclusão sugere que a batalha por hegemonia cultural se manifesta também no vocabulário, sendo a linguagem um campo de disputa política em escala internacional.

4. MOVIMENTOS CULTURAIS ATUAIS

A cultura é definida como o conjunto de crenças, costumes e comportamentos. Podemos tentar prever mudanças culturais se algum desses elementos sofrerem alterações constantes ao longo do tempo. Segundo algumas reportagens de jornais, estes elementos já estão apresentando mudanças rapidamente.

Podemos citar o movimento #BoycottUSA, no qual cidadãos de diferentes países, incluindo o Brasil, tentam minimizar o consumo de produtos, cultura e símbolos norte-americanos, segundo reportagem publicada pelo *The Guardian* (abr, 2025). A investigação jornalística buscou documentar o cotidiano de pessoas que tentavam evitar qualquer vínculo com os EUA por razões ideológicas. A metodologia usada foi a observação participante e entrevistas com membros ativos do boicote.

Os entrevistados relataram que o boicote não se limitava a produtos ou marcas, mas também incluía expressões da língua inglesa e termos culturais que simbolizavam o “imperialismo semântico” dos EUA. Frases como “cancel culture”, “woke” e “diversity training” eram evitadas até mesmo em contextos de militância progressista. Houve também relatos de substituição consciente por termos em línguas locais. A reportagem evidenciou o desejo crescente de algumas parcelas da população de recuperar autonomia linguística e cultural em um mundo globalizado.

O movimento mostra como até mesmo expressões linguísticas podem ser percebidas como veículos de dominação cultural e, portanto, alvos de resistência ativa. A linguagem torna-se, nesse contexto, símbolo de soberania.

Dois outros artigos, um do *The Guardian* e outro da BBC, abordam a ascensão da “manosphere” e do discurso masculino radicalizado nas redes sociais. É crescente nos jornais a notícia de casos de homens que intencionalmente buscam nas redes sociais mulheres

consideradas por eles “frágeis” para cometerem abusos emocionais e físicos. Nestes casos, estes homens participavam de grupos online chamados “manoesphere”.

Já a matéria da BBC traz um infográfico explicando o conceito de “mansplaining”, termo que combina “man” e “explaining” para designar situações em que homens explicam algo a mulheres. A BBC apresenta uma pesquisa em que 67% das mulheres entrevistadas disseram já ter sido interrompidas ou corrigidas por homens em contextos onde tinham maior domínio. A linguagem é apresentada como campo de dominação simbólica, onde o ato de explicar se converte em imposição.

Ambos os artigos demonstram como a linguagem digital contemporânea está profundamente marcada por disputas de poder simbólico entre identidades de gênero. Termos como “alpha male”, “simp” e “feminazi” são analisados como parte de um léxico de guerra cultural que legitima estruturas patriarcais. As matérias mapeiam a retórica utilizada nesses grupos, identificando o uso recorrente de linguagem técnica ou pseudocientífica para justificar desigualdade de gênero e práticas de silenciamento.

5. CONCLUSÃO

Os dados analisados evidenciam que a transformação linguística está intrinsecamente ligada a fatores culturais, sociais e históricos. Estudos como o de Garg, Schiebinger, Jurafsky e Zou (2018) revelam correlações claras entre a diversidade de ocupações e a redução do viés de gênero e etnia, indicando que representações linguísticas não são neutras, mas reativas a processos sociopolíticos. A censura, por sua vez, aparece como um fenômeno recorrente, seja na forma de repressão institucional a conteúdos LGBTQIA+, seja em práticas sutis, como gestos de edição tanto escrita como audiovisual.

As redes sociais e os adolescentes, em especial mulheres jovens, configuram um novo cenário de mudança linguística, operando como catalisadores de transformações vocabulares. Expressões como “Skibidi Toilet” demonstram a rapidez com que gírias emergem e geram reações institucionais.

Em suma, a cultura influencia a linguagem tanto quanto a linguagem influencia a cultura, num ciclo dinâmico que continua a se reconfigurar. Os pilares da cultura, crenças-costumes-comportamento, já estão mudando como reação às políticas internacionais. O preconceito às minorias não é um jogo ganho. Sugerem-se atitudes com a família, amigos próximos e colegas de trabalho, juntar-se a comunidades de interesse para lutar por suas crenças

(sempre considerando os direitos dos outros), como gestos que levam ao desenvolvimento de habilidades pessoais como abertura, tolerância, aceitação e empatia, contribuindo para o desenvolvimento de relações saudáveis e uma cultura de respeito mútuo entre nações.

REFERÊNCIAS

ETTINGHAUSEN, Jeremy. This un-American life: Can you really divest yourself of everything from the US? **The Guardian**. 2025.

https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2025/apr/19/this-unamerican-life-can-you-really-divest-yourself-of-everything-from-the-us?CMP=Share_AndroidApp_Other

GARG, Nikhil et al. Word embeddings quantify 100 years of gender and ethnic stereotypes. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 115, n. 16, p. E3635-E3644, 2018. <https://doi.org/10.1073/pnas.1720347115>

GOODWIN, Kim . Mansplaining explained in one chart. BBC. 2018.

<https://www.bbc.com/worklife/article/20180727-mansplaining-explained-in-one-chart>

LABOV, William. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language variation and change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990.

MALTA, Renata Barreto; FLEXOR, Carina Luisa Ochi; COSTA, Aianne Amado Nunes. Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 61, p. e6110, 2020. <https://www.scielo.br/j/elbc/a/3ygWC93Pp4SYskjTnzN8vvv/>

900

MCSWEEN, Devin. Skibidi Meaning. **WikiHow**. 2025. <https://www.wikihow.com/Skibidi-Meaning>

MOREIRA, Carla Barbosa. Gestos de edição na divulgação do conhecimento: censura e resistência. **Gragoatá**, v. 29, n. 64, p. e61400, 2024.

<https://www.scielo.br/j/gragoata/a/3gvKnGPJjrKSnh8Yn8ynHQj/>

OPPENHEIM, Maya. There were no warning signs: What happens when your partner falls into the manosphere? **The Guardian**. 2025.

https://www.theguardian.com/society/2025/apr/19/there-were-no-warning-signs-what-happens-when-your-partner-falls-into-the-manosphere?CMP=Share_AndroidApp_Other

RIO-TORTO, Graça. Rumos de mudança na gramática e no léxico. **Linguagem e Sociedade: questões variacionistas, filológicas e discursivas**, p. 114-132, 2022.

<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/99925>

SIDDIQUI, Saman. Teachers ban Gen Alpha slang: Viral word list. *OyeYeah Lifestyle*. 2025.

<https://www.oyeyeah.com/lifestyle/teachers-banned-gen-alpha-slang-list-goes-viral>

TAGLIAMONTE, S. A. Teenage girls are leading language change, linguists say. **ABC News Australia**, 2024. <https://www.abc.net.au/news/2024-08-04/teenage-girls-linguistics/104160082>